



O CONHECIMENTO DE DEUS¹

Deus é o mais elevado bem do homem — esse é o testemunho de toda a Escritura. A Bíblia começa dizendo que Deus criou o homem à sua própria imagem e semelhança para fazer com que ele soubesse que Deus é o seu Criador e o amasse de todo o seu coração e vivesse com Ele em eterna bem-aventurança. E a Bíblia termina com a descrição da Nova Jerusalém, cujos habitantes verão Deus face a face e terão seu nome escrito em sua testa. Entre esses dois momentos repousa a revelação de Deus em todo o seu comprimento e amplitude. O conteúdo dessa revelação é a grande e única promessa abrangente do Pacto da Graça: — **“Eu serei o vosso Deus e vós sereis meu povo”**. E no centro e no ponto mais elevado dessa revelação está o Emanuel, o Deus Conosco. A promessa e o seu cumprimento caminham de mãos dadas. A palavra de Deus é o começo, o princípio, a semente, e é o ato no qual a semente alcança sua plena realização. Assim como no começo, Deus criou todas as coisas pela sua Palavra, assim também pela sua Palavra Ele criará, no curso das eras, novos céus e nova terra, na qual o tabernáculo de Deus estará entre os homens. E por isso que de Cristo, que é a Palavra que se fez carne, diz-se que é cheio de graça e de verdade (João 1:14). Ele é a Palavra que no começo estava com Deus e Ele mesmo era Deus, e como tal Ele era a vida e a luz dos homens, pois o Pai compartilha sua vida com Cristo e dá expressão ao seu pensamento em Cristo, portanto a plenitude do ser de Deus é revelada nEle. Ele não apenas nos apresenta o Pai e nos revela seu nome, mas Ele nos mostra o Pai em si mesmo e nos dá o Pai. Cristo é a expressão de Deus e a dádiva de Deus. Ele é Deus revelando a si mesmo e Deus compartilhando a si mesmo, e portanto Ele é cheio de verdade e também cheio de graça. A palavra da promessa — **“Eu serei o vosso Deus”** — que

¹ BAVINCK, Hermann, Teologia Sistemática, Fundamentos Teológicos da Fé Cristã, p. 25 – 32, SOCEP, 2001.





estava incluída desde o momento em que foi proferida, estará em vigor até o seu cumprimento. Deus se dá a si mesmo ao seu povo para fazer com que o seu povo se entregue a Ele. Nas Escrituras nós encontramos Deus constantemente repetindo esta declaração: — **“Eu sou o teu Deus”**. Desde a promessa–mãe em Gênesis 3:15 em diante, esse rico testemunho, abrangendo todas as bênçãos e a salvação, é repetido várias vezes, seja na vida dos patriarcas, seja na história do povo de Israel, ou na Igreja do Novo Testamento. E em resposta a essa declaração a Igreja vem usando uma variedade sem fim de expressões de fé, dizendo em gratidão e louvor: — **“Tu és o nosso Deus, e nós somos o teu povo e ovelhas do teu pastoreio”**. Essa declaração de fé por parte da Igreja não é uma doutrina científica, nem uma cerimônia de unidade que está sendo repetida, mas a confissão de uma realidade sentida profundamente e de uma convicção da realidade que tem sido experimentada na vida. Os profetas, os apóstolos e os santos que aparecem diante de nós no Antigo e no Novo Testamentos e posteriormente, na Igreja de Cristo, não se sentaram e filosofaram sobre Cristo em conceitos abstratos, mas disseram o que Deus significa para eles e que eles dependem de Deus em todas as circunstâncias da vida. Deus não era para eles um conceito frio, que eles pudessem analisar racionalmente, mas era a vida, força pessoal, uma realidade infinitamente mais real do que o mundo que os cercava. Eles levavam em conta em suas vidas, eles moravam em sua tenda, andavam como se estivessem sempre diante de sua face, serviam-no em sua corte, e cultuavam-no em seu santuário. A genuinidade e profundidade de sua experiência se expressam na linguagem que eles usaram para explicar o que Deus significava para eles. Eles não tinham que se esforçar para encontrar palavras, pois os seus lábios falavam daquilo de que seu coração estava cheio, e o mundo e a natureza forneceram-lhes figuras de linguagem. Deus era para eles





“o Rei, o Senhor, o Valente, o Cabeça, o Pastor, o Salvador, o Redentor, o Ajudador, o Médico, o Homem e o Pai”. Toda a sua felicidade e bem-estar, sua verdade e justiça, sua vida e piedade, sua força e poder, sua paz e seu descanso eles encontraram em Deus. Para eles Deus era **“o sol e escudo, o protetor, a luz e o fogo, a cascata e a nascente, a rocha e o abrigo, o refúgio e a torre, o prêmio e a sombra, a cidade e o templo”**. Todos os bens que o mundo tem para oferecer eram considerados por eles como a imagem e semelhança das plenitudes insondáveis da salvação, disponíveis em Deus, para o seu povo. Foi por isso que Davi no Salmos 16:2 disse a Jeová o seguinte: — **“Tu és o meu Senhor; outro bem não possuo, senão a ti somente”**. Da mesma forma Asafe também cantou no Salmos 73: — **“Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre”**. O santo, coberto com todas essas bênçãos, seria nulo e sem valor se não tivesse Deus; e quando vive em comunhão com Deus ele não se preocupa com o que é terreno, pois o amor de Deus supera todos os outros bens. Tal é a experiência dos filhos de Deus. Eles tiveram essa experiência porque Deus se apresentou a eles, para alegria deles, na pessoa do Filho de seu amor. Nesse sentido Cristo disse que a vida eterna, isto é, a totalidade da salvação, consiste no conhecimento do único e verdadeiro Deus e em Jesus Cristo, que foi enviado por Deus. Cristo disse essas palavras em um momento propício. Ele estava atravessando o ribeiro Cedrom para entrar no jardim do Getsêmani e travar ali a última batalha. Todavia, antes de chegar ao Getsêmani, Ele se prepara como nosso Sumo Sacerdote para sua paixão e morte e ora ao Pai para que o Pai o glorifique em seu sofrimento para que depois o Filho glorifique o Pai ao entregar todas as bênçãos que Ele alcançaria pela sua obediência até a morte. E quando o Filho ora desta forma,





Ele nada deseja além de fazer a vontade do Pai. O Pai lhe deu poder sobre toda a carne para que o Filho pudesse dar a vida eterna a todos aqueles que o Pai lhe dera. Essa vida eterna consiste em conhecer o único e verdadeiro Deus e Jesus Cristo, que foi enviado para revelá-lo (João 17:3).

O conhecimento do qual Jesus fala aqui tem seu próprio caráter peculiar. Ele é diferente de qualquer outro conhecimento que possa ser obtido, e essa diferença não é de grau, mas de princípio e de essência. Essa diferença surge, de forma clara, quando nós começamos a comparar os dois tipos de conhecimento. O conhecimento de Deus do qual Jesus falou, difere do conhecimento das coisas criadas com relação a sua origem, seu objeto, sua essência e seus efeitos. Ele difere, antes de mais nada, em sua origem, pois ele é completamente devido a Cristo. De certa forma podemos dizer que obtemos todo o outro conhecimento pela razão, pelo discernimento e julgamento e pelo nosso próprio esforço e estudo. Mas para obter esse conhecimento do único e verdadeiro Deus, nós, como crianças, devemos esperar que Cristo no-lo dê. Esse conhecimento não é encontrado fora de Cristo, nem em escolas ou em filósofos destacados. Só Cristo conhece o Pai. Ele estava com Deus no início, descansou em seu peito e viu-o face a face. Ele mesmo era Deus, o brilho da glória de Deus e a imagem expressa de sua pessoa, o próprio Filho amado e unigênito do Pai, em quem o Pai tinha prazer (Mateus 3:17; João 1:14; Hebreus 1:3). Nada no ser do Pai está escondido para o Filho, pois o Filho compartilha da mesma natureza, dos mesmos atributos e do mesmo conhecimento que o Pai. Ninguém conhece o Pai senão o Filho (Mateus 11:27). Esse Filho veio até nós e revelou-nos o Pai. Ele revelou o nome de seu Pai aos homens. Foi para isso que Ele se fez carne e habitou na terra: — **“para nos dar o conhecimento do que é verdadeiro”** (1 João 5:20). Nós não conhecíamos Deus, nem tínhamos interesse em conhecer os seus





caminhos, mas Cristo motivou-nos a conhecer o Pai. Ele não era um filósofo, nem um erudito, nem um artista. Sua obra era revelar-nos o nome do Pai. Ele o fez, completamente, durante toda a sua vida. Ele revelou Deus em suas palavras, em suas obras, em sua vida, em sua morte, em sua pessoa e em tudo o que Ele foi e fez. Ele nunca fez ou disse qualquer coisa exceto aquilo que viu seu Pai fazendo. A sua comida era fazer a vontade de seu Pai. Quem quer que o tenha visto, viu também o Pai (João 4:34; 8:26 – 28; 12:50; 14:9). A sua revelação é confiável porque Ele é Jesus Cristo, o que foi enviado. Ele recebeu do próprio Deus o nome de Jesus porque Ele foi enviado para salvar o seu povo dos seus pecados (Mateus 1:21). E Ele é chamado “**Cristo**” porque Ele é o “**Ungido do Pai**”, escolhido e qualificado para o exercício de todos os seus ofícios pelo próprio Deus (Isaías 42:1; Mateus 3:16). Ele é o “**Único Enviado**” porque, ao contrário de muitos falsos profetas, Ele não veio em seu próprio nome, nem exaltou a si mesmo, nem procurou sua própria honra. Mas Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho unigênito para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna, pois Ele é o enviado de Deus (João 3:16). Aqueles, pois, que o aceitam e crêem nEle recebem o direito e são qualificados para usar o nome de filhos de Deus (João 1:12). Eles nasceram de Deus, partilham de sua natureza, eles conhecem Deus sob as vistas de Cristo, seu Filho. Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mateus 11:27). Em segundo lugar, o conhecimento de Deus difere do outro conhecimento com relação ao seu objeto. Quanto ao outro conhecimento, ele pode, especialmente em nosso tempo, ser muito amplo em seu alcance, mas ele ainda gira em torno da criatura, é limitado, temporal e nunca pode alcançar o que é eterno. De fato, há a revelação do poder eterno de Deus e as obras de Deus na natureza. Mas o conhecimento derivado dessa fonte é fraco, obscuro, contaminado pelo erro, e não tão





importante. O homem, conhecendo Deus através da natureza, não o glorificou como Deus, e se tornou nulo em seu próprio raciocínio e mudou a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem da criatura. O mundo é tanto um ocultamento quanto uma revelação de Deus (Romanos 1:20 – 23). Mas aqui na oração sacerdotal (cf. João 17), o único que fica em evidência é aquele que nos transmite outro conhecimento e que nos desafia a falar sobre o conhecimento de Deus! **Quem pode compreender Deus como objeto do conhecimento humano?** Como o homem pode conhecer Deus, o “**Infinito e Incompreensível**”, que não pode ser medido pelo tempo, nem pela eternidade, em cuja presença os anjos cobrem a face com as asas, que vive em luz inacessível, e a quem o homem nunca viu nem pode ver? Como pode alguém assim ser conhecido pelo homem, cujo fôlego está em suas narinas e que é menos que nada e menos que o vácuo? Como poderia ele conhecer Deus, se seu melhor conhecimento é um trapo remendado? Todo o seu conhecimento é sobre, e não de. **O que ele sabe sobre a origem, a essência e o propósito das coisas? Ele não está rodeado de mistérios por todos os lados? Ele não está sempre beirando a fronteira do desconhecido?** E nós poderíamos supor que um homem pobre, fraco, pecaminoso e carente poderia conhecer Deus, o “**Sublime, o Santo, o Único e Todo-poderoso**” — Deus? Ele está fora de nossa compreensão, mas Cristo viu o Pai e o revelou a nós. Nós podemos crer que seu testemunho é verdadeiro e digno de total aceitação. E se você quer saber quem é Deus, não pergunte ao sábio, nem ao escriba, nem aos debatedores de nossos dias, mas procure por Cristo e ouça o que Ele diz. Não diga em seu coração: — “**Quem subiu ao céu, ou quem desceu ao abismo?**”. A palavra que Cristo proclama está perto de você. Ele mesmo é a Palavra, a perfeita revelação do Pai — igualmente justo, santo, cheio de graça e de verdade. Em sua cruz todo o conteúdo da fé do Antigo Testamento foi revelado: — “**O Senhor é**





misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades. Pois quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem. Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões. Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece dos que o temem” (Salmos 103:8 – 13). E vendo a glória de Deus no espelho de sua palavra, nós gritamos em êxtase: — Nós o conhecemos porque Ele nos conheceu primeiro. **“Nós amamos porque Ele nos amou primeiro”** (1 João 4:19). A origem e o conteúdo determinam também a peculiar essência do conhecimento de Deus. Nos versículos da oração sacerdotal acima referida, Jesus fala de um conhecimento que não é mera informação, mas um real conhecimento. Há uma grande diferença entre um e outro. Obter informação em livros a respeito de plantas, animais, pessoas, países e povos não significa ter conhecimento pessoal direto sobre esses assuntos. Essa informação é simplesmente baseada na descrição que outra pessoa fez sobre algum assunto. Nesse sentido, a informação é apenas uma transmissão de notícias. **“O conhecimento real inclui um elemento de contato, um envolvimento pessoal e uma atividade do coração”**. É verdade que uma descrição pode ser encontrada na Palavra do conhecimento de Deus que Cristo dá, e deste modo é possível ter uma informação sobre Deus que difira essencialmente do real conhecimento de Deus que Cristo transmite. Um tipo de conhecimento da vontade do Senhor desacompanhado de uma preparação do coração faz com que isso seja possível (Lucas 12:47, 48). O homem pode clamar **“Senhor! Senhor!”** e não ter acesso ao reino dos céus (Mateus 7:21). Há a fé, como a dos demônios, que não conduzem ao amor, mas ao temor e ao tremor (Tiago 2:19).





Há ouvintes da palavra que não querem ser praticantes dela e que portanto serão frustrados (Tiago 1:22). Quando Jesus fala nesse texto sobre o conhecimento de Deus, Ele tem em mente um conhecimento do mesmo tipo do conhecimento que Ele mesmo possui. Ele não era um teólogo, nem um doutor ou professor de divindade. Ele conhecia Deus através de um contato direto e pessoal; Ele via Deus em todos os lugares, na natureza, em sua Palavra, em seu serviço; Ele o amou acima de todas as coisas e foi obediente a Ele em todas as coisas, até mesmo na morte de cruz. Seu conhecimento da verdade era completo. **“O conhecimento e o amor caminham juntos”**. Além disso, conhecer Deus não consiste em ter uma grande quantidade de conhecimento sobre Ele, mas em enxergá-lo na pessoa de Cristo, em levá-lo em conta nos caminhos de nossa vida, e em sentir na alma suas virtudes, sua justiça, sua compaixão e sua graça. E por isso que esse conhecimento, em distinção ao outro conhecimento, recebe o nome de conhecimento da fé. Ele não é resultado de estudo científico nem de reflexão, mas de uma fé infantil e simples. Essa fé é, não apenas um conhecimento seguro, mas uma firme certeza de que, não somente para os outros, mas também para mim, a remissão dos pecados, a justiça e a salvação eterna foram dadas por Deus, somente pela sua graça, somente em consideração aos méritos de Cristo. Somente aqueles que se tornarem como criancinhas poderão entrar no reino dos céus (Mateus 18:3). Só os puros de coração podem ver a face de Deus (Mateus 5:8). Só aqueles que nasceram da água e do Espírito podem entrar no reino (João 3:5). Aqueles que conhecem o nome de Deus confiam nEle (Salmos 9:10). Deus é conhecido na mesma proporção em que Ele é amado. Se nós entendemos o conhecimento de Deus dessa forma, não devemos nos surpreender com o fato de que sua operação e seu efeito seja nada menos que a vida eterna. De fato, parece existir pouca relação entre o conhecimento e a vida. Não foi o autor de Eclesiastes que disse que na





muita sabedoria há muito enfado; e quem aumenta ciência aumenta tristeza; e ainda que não há limite para fazer livros e o muito estudar é enfado da carne (Eclesiastes 1:18; 12:12)? Conhecimento é poder – isso nós podemos entender, pelo menos até um certo limite. Todo conhecimento é um triunfo do espírito sobre um certo assunto, uma sujeição da terra ao senhorio do homem. Mesmo na ordem natural, a profundidade e a riqueza da vida são aumentadas pelo conhecimento. Quanto maior for o conhecimento, maior será a intensidade da vida. As criaturas inanimadas não possuem conhecimento, e elas não vivem.

Quando os sentidos dos animais se desenvolvem, sua vida também se desenvolve em satisfação e oportunidade. Entre os homens, a vida mais rica é aquela que mais conhece. Além disso, como a vida do insano, do imbecil, do idiota, do subdesenvolvido? É pobre e limitada quando comparada com a de um pensador e poeta. Mas qualquer diferença que possa ser notada aqui é apenas uma diferença de grau. A própria vida não é mudada por isso. E a vida, seja a do mais distinto erudito ou a do mais simples operário, deve necessariamente terminar na morte, pois ela se enche apenas com as fontes limitadas deste mundo. Mas esse conhecimento de que Cristo fala não se refere a uma criatura, mas ao verdadeiro Deus. **Se o conhecimento das coisas visíveis podem enriquecer a vida, o que o conhecimento de Deus fará com ela?** Deus não é um Deus de mortos e nem da morte, mas de vivos e da vida. Todos aqueles que foram recriados à sua imagem e descansam em sua companhia são elevados acima do nível da morte e da mortalidade. **“Aquele que crê em mim”,** disse Jesus, **“ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente”** (João 11:25, 26). O conhecimento de Deus em Cristo traz consigo a vida eterna, alegria imperturbável, bênçãos celestiais. Esses não são apenas efeitos, pois o conhecimento de Deus é, em si





mesmo, uma vida nova, eterna e abençoada. De acordo com esse ensino das Sagradas Escrituras, a Igreja Cristã determinou o caráter desse corpo de conhecimentos ou ciência que desde tempos antigos tem sido chamado de Teologia ou Divindade. A Teologia é a ciência que extrai o conhecimento de Deus de sua revelação, que estuda e pensa sobre ela sob a orientação do Espírito Santo, e então tenta descrevê-la de forma a honrar a Deus. E um teólogo, um verdadeiro teólogo, é aquele que fala de Deus, através de Deus, sobre Deus e sempre no intuito de glorificar seu nome. Entre o estudado e o simples há apenas uma diferença de grau. Ambos possuem um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos. E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo (Efésios 4:5 – 7). Nesse espírito, Calvino começou o catecismo de Genebra com a questão: — **Qual é o fim principal do homem?** E a resposta vem, clara e retumbante: — **Conhecer Deus, por quem ele foi criado.** Da mesma forma o Catecismo de Westminster começa suas lições com a seguinte pergunta: — **Qual é o fim supremo e principal do homem?** A resposta é breve e rica: — **O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo plena e eternamente.**

Paz e graça.

Pr. Me. Plínio Sousa².

² Revisor — notas e significações.

